

Revista Eletrônica de Ciência Administrativa (RECADM) - ISSN 1677-7387
Faculdade Cenecista de Campo Largo - Coordenação do Curso de Administração
v. 6, n. 2, nov/2007 - <http://revistas.facecla.com.br/index.php/recadm/>

**REFLEXOS DA CULTURA BRASILEIRA NAS EXPRESSÕES DA DÁDIVA EM CLUBES DE TROCA:
O CASO DA II FEIRA BAIANA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA**

Eduardo Vivian Cunha¹
Andréa Rodrigues Barbosa²

Resumo

O objetivo do presente trabalho é identificar as representações da cultura brasileira e as expressões da dádiva em um clube de trocas ocorrido na II Feira Baiana da Economia Solidária. O marco analítico de partida foi construído sobre os conceitos de dádiva de Goudbout e sobre as peculiaridades da “casa e rua” e do “jeitinho” de DaMatta e Barbosa. Estas expressões culturais foram observadas no espaço de trocas, com algumas modificações nas práticas da dádiva, introduzidas especialmente pela utilização da moeda social. Existe, aparentemente, uma correlação entre todos estes fenômenos, em especial quando se trata da cultura brasileira. A dádiva tende a não surgir espontaneamente neste contexto, mas pode ser liberada por mecanismos específicos. Quando ela ocorre, entretanto, tende a se mostrar acompanhada do “jeitinho”, por ser esta uma expressão típica da cultura nacional.

Palavras-chave: clube de trocas, cultura brasileira, dádiva.

Abstract

The purpose of this study is to identify the representations of Brazilian culture and the terms of the gifting in an exchange club occurred at “II Feira Baiana da Economia Solidária”. The analytical start point was built on Goudbout's concepts of gifting, DaMatta's particularities “casa e rua” (“home and street”) and Barbosa's studies of “jeitinho” (“Brazilian way”). These cultural expressions were observed in the place of exchange, with some differences in the practices of gifting, caused especially by use of social money. It seems to exist a correlation among all these phenomena, especially when the subject is Brazilian culture. The gifting tends to not emerge spontaneously in such context, but can be released by specific mechanisms. When it occurs, however, the gifting tends to be accompanied by the “Brazilian way”, because this is as a typical expression of this national culture.

Key Words: Brazilian culture, exchange club, gifting.

1. Introdução

As feiras, de forma geral, se caracterizam por serem momentos de agrupamento social que representam, ao mesmo tempo, uma socialização na vida de comunidades, espaços de vivência (e sobrevivência) econômica, e expressões da cultura destas mesmas comunidades.

O surgimento destes espaços confunde-se, historicamente, com o surgimento das práticas de mercado. Suas primeiras experiências datam, provavelmente, do início das trocas comerciais de excedentes produzidos. Há registros de feiras no antigo Império Romano, e mesmo a Bíblia faz referência aos “mercadores do templo”, indivíduos agrupados num mesmo espaço para comercializar seus produtos. Modernamente, as feiras foram alimentadas pelo surgimento dos burgos, criados a partir de espaços cedidos pelos senhores feudais, e que se tornaram os embriões de muitas cidades européias (Singer, 1998). Este movimento alimentou a dinâmica capitalista nascente, representando pontos de encontros comerciais e de negócios para a burguesia emergente e para os pequenos comerciantes da época.

¹ Universidade Federal da Bahia - UFBA

² Universidade Federal da Bahia - UFBA

A feira sob análise – a II Feira Baiana de Economia Solidária³ – traz consigo algumas particularidades em relação às feiras historicamente centradas no mercado. Além do seu aspecto comercial e social, traz ainda um importante contorno político. Ela surge não só para permitir que os empreendimentos vendam os seus produtos, ou para fomentar a formação do laço social entre os seus participantes, mas também (e talvez principalmente) para marcar a presença do movimento de economia solidária no estado e no país. É um momento de visibilidade para este que de alguma forma pode ser enquadrado em um movimento social (França Filho, 2006), e que necessita de apoio público e de visibilidade.

Dentro desta feira, que contou com cerca de 150 empreendimentos urbanos, rurais, de agricultura familiar e indígenas, ocorreu o clube de trocas. Este, que foi constituído em um espaço e tempo específico da feira é objeto do olhar mais pormenorizado deste trabalho. O clube de trocas é uma das práticas consideradas de economia solidária, e se baseia na idéia de permitir às pessoas a realização de trocas firmadas em outros valores, ou seja, que não estejam centrados na dimensão econômica-mercantil.

O estudo da experiência referida se amparou nos conceitos da dádiva e da cultura brasileira – “casa e rua” e “jeitinho”. Frente a isso, pretende-se descrever os passos para responder a seguinte pergunta: Como podem ser identificadas as representações da cultura brasileira e as expressões da dádiva no clube de trocas ocorrido na II Feira Baiana da Economia Solidária?

A estratégia metodológica adotada foi o estudo de caso que através de uma abordagem qualitativa incluiu como técnicas complementares à observação participante (com o envolvimento dos pesquisados nas atividades de organização do clube), entrevistas semi-estruturadas. A unidade de análise é representada pelo grupo de pessoas que freqüentaram o clube de trocas. O conjunto dos entrevistados foi composto por artesãos, uma marisqueira, uma educadora, indígenas (inclusive um presidente de associação indígena), agricultores, um apicultor, uma colaboradora de uma organização de produtores da agricultura familiar, da economia solidária e do comércio justo e organizadores do clube de trocas.

Por fim, o presente trabalho está dividido em quatro seções. Além desta introdução, temos a segunda seção, que faz referência às bases conceituais utilizadas para a análise da dádiva; a terceira, onde é feita a análise do objeto sob as perspectivas teóricas escolhidas, e a quarta, que contém as considerações finais do trabalho.

2. Referencial Teórico

2.1 O Paradigma da Dádiva

O conceito de dádiva surge fazendo frente aos paradigmas dominantes em ciências sociais (individualismo metodológico, por um lado e holismo, por outro) propondo uma abordagem mais identificada de fato com a antropologia e a sociologia (Caillé, 2002). Esse autor afirma que ambos os paradigmas dominantes não conseguem dar conta da realidade por serem excessivamente reducionistas.

3 A Feira ocorreu entre os dias 8 e 10 de dezembro de 2006.

O entendimento da dádiva enquanto um paradigma sociológico nasceu dos estudos de Marcel Mauss, feitos a partir das anotações de terceiros das práticas e rituais de comunidades primitivas. Mauss concentrou esforços especialmente no estudo de tribos americanas, nas quais ocorria o Potlatch, sistema de dádiva mais sofisticado, em que predominavam as relações formadas a partir do ritual de dar presentes. A dádiva observada era então agonística, visando à superação dos adversários. A troca de presentes se dava sempre no sentido da busca de mais prestígio, chegando a ser destrutiva, mas o circuito básico da dádiva – dar, receber e retribuir – se mostrava presente.

A dádiva é inicialmente identificada com povos tradicionais, entretanto a ampliação dos estudos demonstrou que as suas expressões podem ser tão amplas quanto às possibilidades de formação dos laços sociais. Podemos perceber isto a partir da caracterização da dádiva nas sociedades modernas feita por Goudbout (1999), especialmente nos fatos comuns da sua vida social. Analisando a sua influência e o seu papel nas relações sociais, o autor afirma que ela não pode ser gratuita, pois serve justamente para formar estas relações. A dádiva gratuita seria uma relação unilateral, o que por si só não seria qualificada de relação, sendo a troca o centro da questão, o que supõe a existência de reciprocidade. Assim, o conceito operacional que surge coloca a dádiva como sendo “qualquer prestação de bem ou de serviço, sem garantia de retorno com vistas a criar, alimentar ou recriar os vínculos sociais entre pessoas” (GOUDBOUT, 1999). Além disto, as coisas têm um valor proporcional ao vínculo, ao contrário do sistema de mercado, em que entre elas há um valor preciso de intercâmbio. Colocando de outra forma, a dádiva seria “um operador privilegiado da aliança entre as pessoas” (França Filho, 1999).

Na caracterização da dádiva, é importante se levar em conta também a natureza dos vínculos formados. Estes podem ser primários ou secundários. Os primários estão associados às relações familiares, às relações de intimidade, de confiança e amizade, que são geralmente os de formação desejável. Os secundários representam vínculos mais impessoais e instrumentais, e não apresentam o caráter de intimidade dos primários. Estes não são necessariamente ruins, entretanto as relações primárias vêm sendo sacrificadas em função da exacerbação do individualismo (que vem paradoxalmente conduzindo à massificação), formando-se relações cada vez mais tênues, ou de outra forma, cada vez mais secundárias.

Goudbout (1999) mostra que a dádiva pode se expressar em diversos lugares, como entre os amigos, na família, com a herança, com os filhos, e ainda entre estranhos. Este último aparece, ainda como um dos fatores marcantes da dádiva moderna que são o estranho, a liberdade, a espontaneidade, a dívida (diferente da dívida mercantil) e o retorno (de várias formas). A categoria “estranho” será objeto de atenção especial no presente trabalho, sendo ela apontada pelo autor como um elemento que vem assumindo importância cada vez maior nas expressões da dádiva.

Nas relações de dádiva entre estranhos podem ser observados os fatores de prazer (obrigação voluntária), o ato voluntário, não gratuito (do ponto de vista utilitário), além das motivações de ordem moral; o tradicional (importância das relações pessoais) e o moderno (insistência na liberdade).

2.2 Aspectos da Cultura Brasileira: “Casa e Rua” e “Jeitinho”

Distribuído em sua dimensão territorial, o Brasil configura em espaço e povo as manifestações de sua diversidade cultural. Vários historiadores, antropólogos e sociólogos têm expressado as marcas dessa cultura tão diversa. Dentre os estudiosos dessa temática, podemos lembrar aqui de Darci Ribeiro (1995) defendendo o caráter híbrido da cultura brasileira; Gilberto Freire (1963) mostrando a separação social entre os “donos do poder” e o povo; Neusa Cavedon (199_) desvendando aspectos inerentes às ambigüidades do universo cultural brasileiro; Livia Barbosa (1999) revelando a valorização daquilo que é estrangeiro; DaMatta (1991) tratando dos diversos espaços sociais no Brasil; dentre outros.

As abordagens de DaMatta procuraram traçar pontos em comum na tentativa de representar a cultura nacional como um todo. Esta busca por uma visão mais homogênea não sobrevive, entretanto, sem críticas. Cavedon (199_) ao citar Bosi, mostra que este autor não aceita a idéia de uma cultura homogênea, dizendo que a “admissão do seu caráter plural é um passo decisivo para compreendê-la como um ‘efeito de sentido’” (p.87). É possível identificar, de qualquer forma, posições intermediárias, que reconhecem essas diferenças e não descartam a possibilidade de uma influência intercultural. Cavedon (199_) parece se identificar com a posição de Oliven, que entende a cultura como sendo formada também a partir da influência de outros grupos, a partir da absorção de representações de fora, formando uma espécie de “circularidade cultural”, geradora dos símbolos nacionais.

Vale acrescentar que os estudos voltados para o entendimento da cultura brasileira têm ampliado as projeções em outros ramos das ciências sociais. Motta, Alcadipani e Bresler (199_) discorrem sobre a influência da cultura nacional nas práticas de gestão utilizadas no país e alertam sobre a complexidade desta tarefa, bem como sobre a necessidade de se compreender o processo de estruturação da sociedade brasileira. Guerreiro ramos já alertava que “todo o feito administrativo está sujeito ao condicionamento histórico-social” (Ramos, 1983). A riqueza de se entender a cultura de um povo pode ir mais além e contribuir com a abrangência da percepção do comportamento dos indivíduos em seus diversos espaços (no trabalho, no lazer, em casa com a família, nos espaços de compra, nos espaços de troca, etc).

Além das abordagens teóricas da Dádiva, vistas no item anterior deste artigo, ainda se recorreu aos estudos de DaMatta (1991) e Barbosa (1992), nas abordagens da “casa e rua” e do “jeitinho”, conceitos que buscam a interpretação daquilo que acontece com os brasileiros em suas relações cotidianas. Segundo DaMatta (1991):

[...] casa e rua são mais que locais físicos. São também espaços de onde se pode julgar, classificar, medir, avaliar e decidir sobre ações, pessoas, relações e moralidades. [...] casa e rua formam os espaços básicos através dos quais circulamos na nossa sociabilidade sobretudo porque o que falta na rua existe em abundância na casa.

Sintetizando parte das explicações do antropólogo, o trajeto casa-rua é uma constante na vida das pessoas, onde o que de fato importa é o que a casa representa para o brasileiro. A casa não é apenas o local onde a pessoa come e dorme, mas o lugar da família, do aconchego do lar, apresentando limites e fronteiras bastante definidos. Para tanto, existe uma preocupação constante com as coisas e objetos que se encontra no interior dela, por possuírem um valor e um significado. O oposto da casa é a dimensão da rua, que traz a

imagem da impessoalidade, da violência e do trabalho. Apesar desta oposição DaMatta (1991) acredita na complementaridade entre esses diferentes mundos, e não na mútua exclusão.

Uma outra interpretação da sociedade brasileira pode ser feita a partir do “jeitinho”. Livia Barbosa (1992), em sua investigação sócio-antropológica, analisa essa instituição dentro do universo social brasileiro e procura entender seus domínios, idiomas, técnicas, personagens, discursos, etc. De acordo com a autora, cinco outros autores já levantaram pontos em comum no tratamento do *jeitinho* e Guerreiro Ramos foi um dos primeiros a publicar estudos sobre o tema. Segundo a categorização de DaMatta (1991), o “jeito” seria “um modo e um estilo de realizar”, e estaria associado a uma necessidade de reconhecimento por parte do seu praticante, que busca ser “pessoa” ao invés de “indivíduo”.

Barbosa aponta ainda as condições para que uma situação possa ser considerada jeito. Neste caso, “necessita-se de um acontecimento imprevisto e adverso aos objetivos do indivíduo. Para resolvê-la, é necessária uma maneira especial, isto é, eficiente e rápida para tratar do ‘problema’” (Barbosa, 1992). A autora afirma também que o “jeitinho” possui uma característica universal e aparece em todo Brasil.

O “jeito” é ainda representado graficamente como um comportamento intermediário entre um pólo positivo de comportamento (favor) e um pólo negativo (corrupção). As linhas demarcatórias entre os comportamentos são, entretanto, muito tênues, e o comportamento pode assumir diversas posições entre estes dois extremos (Barbosa, 1992).

3 A II Feira Baiana de Economia Solidária e o Clube de Trocas

A montagem do clube de trocas dentro da feira seguiu algumas etapas, quais sejam: a) os participantes (empreendedores solidários ou “pessoas físicas”) levavam seus objetos ao *Ecobanco*⁴ para trocarem pela moeda social Axé (ver Figura 1); b) após adquirem seus Axés, os participantes preenchem os classificados nos quais ficavam relacionados os objetos oferecidos e os procurados por estes e c) na hora determinada pela organização, aconteciam as trocas entre todos os participantes com a utilização da moeda social. Ao final da feira, o Ecobanco foi desfeito pela destroca dos Axés restantes pelas mercadorias que haviam sido depositadas previamente.

O objetivo da montagem de tal mecanismo, segundo os organizadores do espaço, era principalmente fazer com que as riquezas circulassem na feira sem a necessidade da moeda oficial (Real), bem como aproveitar o efeito didático que uma experiência como esta pode gerar. Estes, de fato, são alguns dos principais motivos que levam à formação de um clube de trocas, especialmente os que utilizam a ferramenta da moeda social (Singer, 2001).

⁴ Ecobanco é o nome dado ao espaço que assume o papel de emissor da moeda social. É o espaço físico onde ficam armazenadas estas moedas e os produtos utilizados para a formação do lastro da emissão. No caso da feira, contava com duas pessoas diretamente responsáveis por ele.

3.1 A Existência do “Jeitinho” e a Percepção das Categorias “Casa e Rua”

A partir das observações e entrevistas no momento das trocas, evidenciou-se que, inicialmente, grande parte das pessoas estavam curiosas e querendo participar delas. Os trabalhadores dos empreendimentos solidários traziam seus produtos (peças de artesanato de decoração, vestuários, bijuterias, alguns alimentos, etc) e os outros participantes que não faziam parte dos empreendimentos traziam roupas e objetos em bom estado, livros, CDs, DVDs, bijuterias e outros. Ao trocarem no Ecobanco seus produtos pela moeda Axé, as pessoas aguardavam ansiosas pelo momento do intercâmbio.

A feira acontecia na rua (em uma determinada parte da orla marítima de Salvador), e as trocas eram realizadas, em sua maioria, entre pessoas estranhas. Mas o sentimento era de intimidade, e a maioria revelava interesse na busca de novas amizades. E o que era rua (pois além de ser de fato rua enquanto espaço físico, a feira era uma extensão do trabalho para os empreendedores solidários), passa a ter as características de casa tanto para os organizadores do próprio clube, quanto para os participantes e expositores. Para os primeiros, notava-se o cuidado com o local das trocas (limpeza e arrumação), com o acolhimento agradável de todos os interessados em participar, bem como a existência da preocupação relativa à realização de trocas bem sucedidas, ou seja, com as pessoas trocando aquilo que desejavam. Desde a realização das trocas propriamente ditas até o momento em que o Ecobanco foi desfeito, percebia-se a inquietação dos organizadores em evitar o constrangimento decorrente de alguma troca mal-sucedida. Na verdade, isto não parecia necessário, pois pairava no ar um espírito de colaboração que favoreceu o andamento de todas as atividades.

Para o segundo grupo (participantes e expositores), pôde-se perceber nos semblantes e nos demais sinais que a feira representava algo mais do que uma simples troca material. As características do progresso individualista, do mercado, dos negócios, da impessoalidade nas relações sociais e da legalidade jurídica que permeiam a dimensão rua (DaMatta, 1991), não estava presente no espaço da feira destinado às trocas. Notou-se uma ajuda mútua, um colega cuidava dos objetos de outro participante, além de existir uma preocupação com os interesses deste colega. Nesse sentido, os conflitos, comuns nas negociações mercantis, não prevaleceram nos momentos das trocas.

Vale lembrar ainda a explicação de DaMatta (1991) sobre a complementaridade dos mundos casa e rua, elemento que pôde ser visto em alguns momentos do clube de trocas. A este respeito, podemos reportar a fala de uma das entrevistadas da tribo pataxó⁵:

[...] achei muito bom, porque estou levando as lembranças dos meus amigos da feira e eles também estão levando a minha lembrança, as pessoas estão levando uma lembrança pataxó e eu fico muito feliz por isso. Eu conheci alguns parentes indígenas que a gente não conhecia que são os kiriris e os Tupinambás, e nesse momento a gente ficou se conhecendo e até mesmo eles estão querendo conhecer a nossa área indígena, a nossa reserva.

Outra artesã, muito empolgada com as trocas, disse:

[...] eu estou aguardando aqui a troca de uma sandália, aqui nós também adquirimos

5 Encontramos neste depoimento já um importante elemento da dádiva. Podemos associar a lembrança que a indígena pataxó faz ao *hau* citado por Mauss (1974), que é o espírito, a força da coisa trocada. No momento da troca, o objeto não vale somente por si, mas está associado ao vínculo formado.

experiência, conhecemos outras pessoas, expandiu nossos trabalhos né, e vamos levar um pouco do que a gente aprendeu aqui pra casa. Que a solidariedade não é só aqui, a gente leva um pouco dessa solidariedade pra casa, com o vizinho, com o colega de trabalho, com o marido e com os filhos.

No espaço da rua, eles encontraram momentos de solidariedade. A rua parecia a casa, onde havia pouca brecha para a impessoalidade e as relações sociais eram muito agradáveis. Alguns dos participantes que estiveram presentes nos dois primeiros dias da feira não estariam presentes no último dia (quando o Ecobanco seria então desfeito). O que fazer para que estes não saíssem prejudicados por ainda possuírem Axés e não poderem comparecer no momento de desfazer o lastro do banco⁶? Os organizadores do mercado de trocas solucionaram este “problema”, concedendo uma exceção para essas pessoas e o banco foi aberto antecipadamente apenas para os expositores que não estariam presentes no último dia.

Outra identificação do “jeitinho” foi evidenciada na quebra de mais uma regra estabelecida: ficou acordado entre os organizadores que os expositores dos empreendimentos solidários teriam prioridades na ordem das trocas, pois além de serem do interior do estado, muitos deles pertenciam a comunidades carentes. No entanto, algumas pessoas (moradores da capital) preocupadas em não encontrarem algo do seu interesse no banco, entraram na fila juntamente com os expositores dos empreendimentos solidários, rompendo o acordo prévio.

3.2 A Experiência da Dádiva

De início é importante fazer algumas distinções das trocas ocorridas na feira com relação à dádiva tradicional. Esta é realizada com a troca direta de produtos, e no clube foi adotada uma moeda social para mediar estas trocas. Isto, entretanto, não invalida a análise a ser feita, nem suprime a existência da dádiva, pois as trocas realizadas com este instrumento superam grande parte do fetichismo associado ao dinheiro oficial, e que está relacionado principalmente ao paradigma da escassez trazido à sociedade por imposição da lógica do acúmulo (Primavera, 2001; Litaer, 2002). Além disto, é importante também observar que muitas trocas paralelas, diretas, ocorreram no espaço de trocas, e mesmo o último dia foi reservado somente a elas.

A questão da utilização de uma outra lógica econômica pôde ser observada pelos exemplos associados ao emprego da moeda Axé (Figura 1). A realização da acumulação era desvantajosa, pois a moeda social tinha validade restrita aos espaços de troca, o que limitava a sua utilização. Isto obrigava seus portadores a “gastá-la”, pois se por um lado não podiam levá-la para suas casas, por outro alguns não desejavam realizar trocas pouco vantajosas no momento da abertura Ecobanco. Este efeito é similar ao que ocorre com as moedas que utilizam o princípio da *oxidação*, que faz com que o dinheiro perca valor com o tempo, evitando o acúmulo e acelerando a circulação da riqueza (Blanc, 2001).

6 Última atividade apontada na feira, conforme primeiro parágrafo da seção 3.



Figura 1 - moeda social utilizada no espaço de troca da feira

Outro fato relevante é que a utilização da moeda social estava embasada na própria confiança entre as pessoas. Praticamente nenhum método para se evitar a falsificação foi empregado, mas a moeda foi facilmente aceita. Dois entrevistados disseram explicitamente que se sentiam seguros com relação às trocas devido ao fato de perceberem as boas intenções e a boa índole das pessoas que participavam do evento.

Allan Caillé (2002) afirma que os interesses econômicos ou materiais são secundários em uma relação, e que em primeiro lugar vêm àqueles relacionados à satisfação pessoal (“glória e celebridade”). Os interesses manifestos pelos participantes ao procurarem o espaço de troca foram todos, em alguma medida, associados à questões imateriais. Esses incluíram desde os relacionados mais à preocupação instrumental (conhecer a moeda social, e a sua utilização, vivenciar novas formas de “comercializar” produtos) até as de sociabilização propriamente dita (conhecer pessoas, trocar experiências e conhecimentos). Dessa forma, pode-se perceber o objetivo mais primário da dádiva, que é o de construir relações sociais (Godbout, 1999). A segunda teve uma maior incidência, embora em algum grau as duas preocupações estivessem presentes em todas as falas. Um terceiro interesse é o observado principalmente nos organizadores do evento, cujas respostas foram num sentido mais político, com preocupações relacionadas ao movimento da economia solidária e à divulgação das suas práticas. A preocupação política de fato permeia ainda outros discursos, pois muitos dos participantes da feira são pessoas engajadas neste movimento político e ainda houve aqueles que se aproximaram da feira por identificação com os valores ali propostos, mesmo sem aparentemente exercer esta militância.

Embora não se tenha observado o comportamento típico levantado por Caillé (busca da glória e celebridade), também a busca por resultados econômicos ou materiais não foi a tônica das trocas, sendo muito pouco referenciado pelos entrevistados. De qualquer forma, a dicotomia interesse-desinteresse é visível, pois este desinteresse econômico apresentado pelos participantes carrega junto consigo os interesses citados no parágrafo anterior.

Outro binômio indissociável presente na dádiva, a obrigação-liberdade (Mauss, 1974), teve um de seus elementos menos observado neste espaço de trocas, ou seja, a liberdade se mostra muito mais presente do que a obrigação. Tal fato pode ser compreendido pela mediação da moeda social, que acaba desvinculando um pouco as duas partes envolvidas na troca. Uma vez realizada a troca do produto por Axés cessa a obrigação de

continuidade da relação. A obrigação reaparece no momento em que o detentor da moeda é forçado a realizar outras trocas para que não lhe reste mais Axés em mãos.

Esta obrigação tem, entretanto, uma natureza diferente daquela presente na dádiva estudada por Marcel Mauss. Neste caso, ocorre a troca de presentes, e o peso da obrigação está na sua retribuição. No clube, as trocas ocorrem numa dinâmica mais relacionada com a reciprocidade, podendo ser qualificada como uma outra prática econômica, típica do campo da economia solidária (França Filho, 1999).

Os vínculos formados no espaço de trocas podem ser enquadrados principalmente dentro dos primários. Embora a opinião que mais ocorreu é de que as amizades levam mais tempo para serem construídas do que o proporcionado pelo espaço de trocas, foi possível a troca de contatos e a aproximação entre as pessoas, o que de certa forma indica a construção de um vínculo primário. Um apicultor entrevistado demonstrou se sentir a vontade nesse lugar, apesar de uma aparente timidez inicial. "Parece até que algumas pessoas já são conhecidas" comentou. O vínculo secundário, mais formal e objetivo foi mais difícil de ser observado. Embora muitas pessoas não tenham adquirido o entrosamento e a aproximação social referidos em alguns momentos deste texto, poucos tiveram como principal motivação as preocupações unicamente utilitárias (visando somente a troca econômica), como apontado anteriormente.

Ao analisar-se a categoria "estranho" listada por Goudbout (1999), percebeu-se que a maioria das pessoas não se conhecia antes da feira e do espaço de trocas, com exceção de um coordenador entrevistado, por já fazer parte do movimento de economia solidária. Apesar de as relações terem se dado essencialmente entre estranhos, não houve "estranhamento", muito pelo contrário. Um índio Pataxó entrevistado comenta que "conhecer pessoas novas é o melhor que existe na vida dos seres humanos. Daí que vem o conhecimento, as amizades".

Os indígenas que participaram da feira se mostraram muito integrados no espírito das trocas. Mauss estudou as tribos primitivas para desvendar os mecanismos da dádiva, e os seus representantes mais próximos, presentes na feira, se mostraram mais familiarizados com os seus princípios. Embora os indígenas aparentemente não vivam mais destas práticas, eles demonstraram uma relação mais natural com a troca do que com o mecanismo mercantil. Um índio Pataxó comenta que "acho que era assim que nós vivíamos antes. Quem tinha a necessidade de uma coisa trocava por outra, fez lembrar este passado da gente". Além disto, a separação entre estas duas lógicas é percebida de forma mais natural, o que é demonstrado claramente em algumas falas.

Outro ponto observado é que não havia a preocupação com a equivalência econômica dos objetos trocados, especialmente quando havia a troca direta, sendo observadas trocas de objetos com alguma disparidade de valor econômico (preço de mercado). Mesmo nas trocas utilizando a moeda social foi possível observar esta diferença, quando produtos eram "vendidos" por um valor abaixo do que o seria no mercado, por necessidade da pessoa que estava comprando. Este fato, aliás, não pareceu incomodar os participantes das trocas. Tal comportamento pode ser explicado pelo retorno obtido em diversas outras dimensões, que não a econômica-mercantil.

Jacques Goudbout afirma ainda que, embora no sistema de dádiva possa não haver retorno mercantil, o retorno, concebido de forma mais geral, existe sempre, mesmo que não seja desejado. Pode estar presente, por exemplo, na própria dádiva, na forma de satisfação e prazer pessoal, sendo algumas vezes superior a esta dádiva (Goudbout, 1999). De fato, a percepção de retorno estava presente em todos os discursos, nos semblantes e na satisfação demonstrada pelas pessoas, sendo observada de diversas formas. A primeira é pelos produtos que foram trocados. Conforme um dos entrevistados "as trocas que fiz tem um valor para mim muito maior do que os produtos que estavam nas minhas mãos", e ainda outra afirma que "troquei produtos que não usava mais por produtos que amei". A segunda é que houve a percepção de retorno do ponto de vista mais pessoal, pelas amizades angariadas, pelo conhecimento de outras culturas, pelo fato de fazer contatos com outros empreendimentos, pela satisfação em estar realizando as trocas, pelo sentimento de "missão cumprida", pelo retorno espiritual, etc. A terceira e última forma de retorno está associada ao sentimento de causa, na percepção de que o evento teve um resultado positivo para o movimento de economia solidária, como é o caso do depoimento de um organizador.

Citando ainda outro exemplo, que se enquadra na segunda forma de retorno, temos o depoimento de uma das voluntárias do espaço de trocas, menos imbuída politicamente com o movimento da economia solidária:

o pessoal dizia para mim que eu era uma ótima vendedora, mas eu não me acho uma ótima vendedora. Eu achei muito legal, porque eu conseguia vender os produtos deles, ajudar eles a vender, acho que é porque eu estava bem inserida na "idéia". Eu ficava com menos vergonha de oferecer as coisas porque eu achava que o negócio era útil, bom para eles.

Neste caso, a descoberta de "talentos escondidos", juntamente com o sentimento de satisfação por ajudar os outros foi motivo de satisfação pessoal por ser considerado como um retorno positivo pela própria entrevistada.

Com relação especificamente à questão do "prazer na relação" citado por Goudbout, observou-se que a maior parte dos entrevistados apresentou sensações similares a esta na realização das trocas. Quando perguntadas sobre o seu sentimento nestes momentos, as pessoas expuseram sentimentos como satisfação por poderem estar fornecendo a outros o que estes não disporiam de outras formas, sentimentos de realização e mesmo de esperança com relação ao futuro, já que são práticas que podem representar (e se propõe a tal) uma mudança na sociedade. Um dos entrevistados disse que "um pouco do sonho que a gente sonha vai se realizando". Significativo depoimento deu também uma índia Pataxó, afirmando que "foi emocionante, porque a gente nunca tinha feito trocas com quase ninguém, só nos jogos indígenas, de índio com índio, mas não com não-índios".

Por fim, a caracterização do tradicional e do moderno na dádiva contemporânea tem um bom enquadramento nas práticas realizadas na feira. O tradicional (importância das relações) é facilmente percebido, dadas todas as considerações e observações acima, ou seja, existiu uma preocupação das pessoas em formar as relações quando acorreram ao espaço de trocas. Por outro lado, o moderno (busca da liberdade) é especialmente traduzido pela inserção da moeda social no espaço de trocas. Conquanto provoque uma perda da intensidade da relação, este instrumento permite uma ampliação da liberdade na troca. A moeda social

provavelmente representa muito bem o resgate de tradições caras às pessoas (já que são consideradas por muitos como perdidas) sem se abrir mão do que o moderno propõe, que é a liberdade individual (ou pelo menos a busca dela).

Vale ressaltar que este espaço de trocas, além do simbolismo próprio que possui por resgatar as práticas da dádiva, tem um forte peso político, pois é um espaço de congregação de práticas propositivas de mudança social, por isto aglutinando pessoas que estão de alguma forma imbuídas neste ideal. Isto ajuda a trazer para a prática um resultado positivo, pois ficou evidente o esforço de muitos participantes por dinamizar o espaço e por promover a prática da solidariedade. Tal constatação, todavia, não invalida as análises, mesmo porque aparentemente a maioria dos participantes do espaço não tinha consciência sobre o paradigma sociológico da dádiva. Ela inclui sim uma variável a mais na análise que é o voluntarismo (no sentido de escolha) dos participantes, visando à construção de novas sociabilidades e de novas práticas econômicas. Tal questão levamos a outra reflexão, que diz respeito à sensação de desgaste social (e pessoal) provocado pelas práticas concorrenciais das trocas mercantis, que já se tornaram habituais e que tem impulsionado as pessoas a buscarem formas alternativas de sobrevivência econômica, que sejam por sua vez socialmente mais saudáveis.

4 Considerações Finais

De acordo com as observações e análises feitas, pode-se perceber que o ambiente da “rua” por alguns dias se tornou “casa” de empreendedores solidários. No lugar rua, onde deveria imperar a impessoalidade, o trabalho e a violência, a casa foi “construída”, pelo comportamento cordial e pessoalizado dos participantes das trocas e pelos cuidados dos organizadores.

A presença do jeitinho também foi observada, em situações diversas em que foi requerida a “solução” de pequenos “problemas”. O jeito observado, entretanto, esteve mais relacionado com o pólo positivo de Barbosa (1992) – favor, não sendo observadas situações de corrupção. Provavelmente o próprio clima da feira, associado ao seu perfil militante, em que se procurava demonstrar maneiras melhores de viver a economia, fez com que o comportamento positivo fosse predominante. A heterogeneidade cultural dos participantes da feira e do mercado de trocas é também um indicativo da certa universalidade que há nos comportamentos do jeitinho e nas questões de casa e rua.

Com relação à dádiva, muitos dos seus elementos principais também foram observados no espaço de trocas. Entretanto, as ressalvas já feitas lembram que a dádiva praticada nestes momentos difere da dádiva tradicional, no aspecto da extensão temporal das trocas (ela é imediata, não existe troca que se estende no tempo) e também porque é feita mediante a utilização do instrumento da moeda social. Isto faz com que ela seja diferente ainda na questão obrigação-liberdade, privilegiando o segundo comportamento. Já no elemento interesse-desinteresse foi percebida uma estreita correlação com a dádiva de Mauss, embora o interesse estivesse relacionado também com outras motivações que não somente as relações sociais. Este interesse, porém, nunca teve o econômico-mercantil como móvel principal, o que o é também característico da dádiva maussiana. Ainda, os vínculos podem ser melhor caracterizados como primários, dado o móvel principal das ações dos participantes e a formação de amizades que se observou. Vale lembrar, entretanto, que embora não

tenha sido registrado o vínculo predominantemente utilitário entre os participantes, houve contatos que foram rápidos e fugidios, ou seja, que duraram somente no momento das trocas.

As características da dádiva moderna, apontadas por Godbout estão presentes no fenômeno observado. A troca ocorreu essencialmente entre *estranhos*, de forma *espontânea*, *gratuita*, ou seja, sem a espera de retornos, pelo menos não diretos nem econômicos-mercantis e, por fim, houve *retornos* de diversos tipos, sendo grande parte deles pessoais. Uma única ressalva a ser feita é com relação à percepção de *dívida*, que talvez possa ser substituída mais precisamente pelo sentimento *gratidão*, mais diretamente observado nas pessoas que participaram das trocas. Além destes, outros fatores mais gerais apontados por Godbout também foram observados, como o *prazer na relação*, o *retorno maior do que a dádiva*, e o *retorno na própria dádiva*.

A utilização da moeda social seguramente é um dos fatores que mais provocou as modificações observadas no sistema da dádiva dentro do espaço de trocas. Podemos dizer que a moeda social facilita o reencontro entre o *tradicional* e o *moderno*, característica da dádiva nos tempos atuais (Godbout, 1999). O resgate de tradições representa a possibilidade de formação de laços no momento da troca e o moderno representa a preservação da liberdade individual. Entretanto a ampliação (ou preservação) da liberdade por estes meios traz consigo uma conseqüente perda na intensidade da construção da relação, que é geralmente menor do que seria naquela produzida pelas trocas diretas. Por outro lado, esta intensidade, é maior do que a que se dá nas trocas mercantis. O resgate da relação social permitido pelas trocas mediadas pela moeda social, associado à busca da função real (ou primitiva) do dinheiro proporcionada por este instrumento, pode explicar a sua boa aceitação e a certa avidez e ansiosidade com que as pessoas queriam travar contato com ele.

Não é difícil perceber uma correlação entre os dois fenômenos mais gerais estudados neste trabalho – a cultura brasileira e a dádiva – embora possa haver alguma dificuldade conceitual em se fazer este paralelo. Primeiro porque, dentro das particularidades de suas manifestações, estas práticas foram claramente observadas, ou seja, efetivamente ocorreram no espaço de trocas. Segundo porque surgiram naturalmente em todos os momentos, ou seja, não são excludentes. Isto faz com que haja uma tentação de afirmar que são indissociáveis, pelo menos dentro da cultura brasileira, o que é arriscado dada a pequena amplitude do estudo. O fato é que pelo menos dentro de espaços de trocas como estes, que se dão inseridos nas feiras de economia solidária, há a possibilidade de vazão para as práticas do jeitinho, mesmo que este espaço seja construído de forma mais institucionalizada. Também o próprio cuidado e a dedicação com que são montados estes momentos, visando a liberação do fluxo da dádiva, faz com que a rua se transforme em casa. Muito provavelmente haverá casos em que o jeitinho não se faça presente, talvez em culturas mais rígidas ou em espaços minuciosamente organizados, que contenham regras menos flexíveis. Tais locais também poderiam ser impessoais, caracterizando a rua. Todavia fica a dúvida se neles haveria espaço para o florescimento da dádiva ou se ele poderia ser organizado dentro da realidade da cultura brasileira.

Referências

- BARBOSA, Livia. **O jeitinho brasileiro**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- BLANC, Jérôme. **Lês Monnaies Paralleles** : Evaluation du Phenomene et Enjeux Theoriques, 2001. Disponível em www.socioeco.org
- CAILLÉ, Alain. **Antropologia do Dom** – O terceiro Paradigma. São Paulo: Vozes, 2002.
- CAVEDON, Neusa. **Ambigüidades do universo cultural brasileiro**. 199_.
- DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.
- FRANÇA FILHO, Genauto, DZMIRA, Sulvain. **Economia Solidária e Dádiva**. Ver Organizações e Sociedade. Salvador. Escola ADM/UFBA. V.6, n.14 jan/abl – 1999
- FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho. **Economia solidária e movimentos sociais**. In MEDEIROS, Alzira, SCHWENGBER, Ângela e SCHIOCHET, Valmor. Políticas públicas de economia solidária: por um outro desenvolvimento. Editora Universitária da UFPE, Recife, 2006.
- GODBOUT, Jacques T. **O Espírito da Dádiva**. RJ. Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- LITAER, Bernard. **Mais além da cobiça e da escassez: o futuro do dinheiro**. Capina, tradução livre, 2002.
- MAUSS. Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, Ed Universidade de São Paulo, 1974 vol. II,
- MOTTA, F. C. P., ALCADIPANI, R. & BRESLER, R. **Cultura Brasileira, Estrangeirismo e Segregação nas organizações**. 199_.
- QUIVY, R. e CAMPENHOUDT, L.V. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. 2e. Lisboa: Gradiva, 1998.
- SANTOS, Claire. “Feira do Rubi”: significados do comércio local no Conjunto Residencial Rubem Berta em Porto Alegre/RS. **Anais do XXX ENANPAD**. Salvador. 2006.
- PRIMAVERA, Heloísa. **La Moneda Social como Palanca del Nuevo Paradigma Economico**, Encuentro de Findhon, junho 2001. Disponível em www.redlases.org.ar
- SINGER, Paul. **Uma utopia militante: repensando o socialismo**. São Paulo: Editora Vozes, 1998.
- SINGER, Paul, **Introdução à Economia Solidária**. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2001.